

II Congresso Histórico Internacional

AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE

18 a 20 de outubro de 2017

ATAS

ORGANIZAÇÃO | PROGRAMA | CONFERÊNCIA INAUGURAL

CIDADE ANTIGA

2017

FICHA TÉCNICA

Título

II Congresso Histórico Internacional
As Cidades na História: Sociedade

Volume

Organização | Programa | Conferência inaugural
I - Cidade Antiga

Edição

Câmara Municipal de Guimarães

Coordenação técnica

Antero Ferreira
Alexandra Marques

Fotografia

Paulo Pacheco

Design gráfico

Maria Alexandre Neves

Tiragem

200 exemplares

Data de saída

Dezembro 2019

ISBN (Obra completa)

978-989-8474-54-4

Depósito Legal

364247/13

Execução gráfica

Diário do Minho

ÍNDICE

ORGANIZAÇÃO | PROGRAMA SESSÃO DE ABERTURA SESSÃO DE ENCERRAMENTO

PRÓLOGO

pág. 35

Poblaciones en transformacion: las ciudades a traves del tiempo

Diego Ramiro Farinas

CONFERÊNCIA INAUGURAL

pág. 43

Perseguir a História Social a partir do Repositório Genealógico - desafio sempre em aberto

Uma aplicação sobre Guimarães dos quatro últimos séculos

Maria Norberta Amorim, Antero Ferreira, Amaro das Neves, Filipe Salgado

CIDADE ANTIGA

CONFERÊNCIA

pág. 75

Cidade Antiga e Sociedade: Narrativas e Diálogos Interdisciplinares

Manuela Martins, Gilvan Ventura da Silva

COMUNICAÇÕES

pág. 111

Estratégias familiares e disputas políticas na África proconsular: o caso da cidade de OEA (Séc. II d.C.)

Belchior Monteiro Lima Neto

pág. 125

Como e onde se enterrava em *Bracara Augusta*?

Cristina Maria Vilas Boas Braga

pág. 155

Reflexões sobre a economia de *Bracara Augusta*. O contributo dos tesouros monetários

Diego Santos Ferreira Machado

pág. 177

A Concorrência Política e Cultural entre as cidades de Antioquia e Beirute na Antiguidade Tardia:

Libânio e a defesa das Escolas de Retórica em oposição às Escolas de Direito (séc. IV d.C.)

Érica Cristhyane Moraes da Silva

pág. 195

Entre os espaços e os homens: reconstrução do quotidiano doméstico

Fernanda Magalhães, Manuela Martins

pág. 219

O custo com os trabalhadores da construção e atividades subsidiárias. O caso de *Bracara Augusta*

Jorge Ribeiro

pág. 245

Vrbi et orbi: a cidade como definidora de romanidade nos *annales* de Tácito

Manuel Rolph Cabeceiras

pág. 261

Esparta katà kómas: organização espacial do território (VIII-V a.C.)

Márcia Cristina Lacerda Ribeiro

pág. 279

Cidades Gregas na Calábria Antiga: A configuração dos territórios de Lócris e Régio (sécs. VII-V a.C.)

Maria Beatriz Borba Florenzano

pág. 301

El extranjero en la ciudad: formas de integración privadas

Ma Dolores Dopico Caínzos

pág. 325

The notion of polis in Aristotle's *Politics*

Patricio Tierno

pág. 341

Paulo e as Comunidades: Debates acerca das diferenciações das Comunidades Urbanas Paulinas e Conflitos sobre a Participação Feminina

Roberta Alexandrina da Silva

pág. 361

La cerámica de producción bracarense como indicador de las actividades económicas, gustos y costumbres de los habitantes de *Bracara Augusta*: Nuevas aportaciones

Sara Barbazán Domínguez, Manuela Martins, Eduardo Ramil Rego, Fernanda Magalhães

pág. 387

Mulheres e urbs: estudos sobre sociabilidades femininas em cidades romanas entre o IV e V séculos d.C.

Silvia M. A. Siqueira

**Mulheres e urbs: estudos
sobre sociabilidades
femininas em cidades
romanas entre o IV e V
séculos d.C.**

Silvia M. A. Siqueira

Universidade Estadual do Ceará – Brasil

silvia.siqueira@uece.br

Abstract

In this paper, starting from to contribute to the history of cities, in our approach we seek to analyze some modes of sociability of women of the Roman *urbs*. Different behavior and feminine attitudes were interesting arguments to think about the genres. The research proposes the reflection that the way of life of the city is propitious to think the domesticity not as a fixed concept, much used in the last years, which establishes a dichotomy between public and private indicating that the feminine world is unique and exclusively the house and the various peculiarities of the domestic environment. Here the domesticity is understood beyond the private domestic space because the female reputation should be beyond the privacy of the home. The study of urban life also allows us to verify, through different social relations, how much the city's spaces are plural, often without distinction of gender marked by the fluid boundaries between the domestic and public spheres.

Considerações iniciais

O tema mulher e cidade tem sido abordado de diferentes maneiras nas ciências sociais, problematizando a produção de diferenças de gênero em âmbito urbano em suas múltiplas formas como a expressão das identidades, o imaginário, a comunicação, as relações, os usos os estilos de vida, as políticas da identidade. Reflexões que apontam para a produção e organização da diversidade, em especial indicando como a disposição espacial pode ser uma maneira que evidencia diferenças de gênero. Para compreender as diferenças não basta verificar o aspecto do espaço em si, é preciso acrescentar as diferentes relações sociais que se estabelecem a partir do referencial espacial. O conceito de sociabilidade tem contribuído para pensarmos este objeto visto que por meio dele é possível apreender a qualidade de ser sociável como equivalente aos sistemas de relações que cotejam os indivíduos uns aos outros, ou também que os reúnem em grupos mais ou menos naturais. Ela é característica de um grupo preciso e de uma atitude coletiva visto a sua universalidade e as suas diferentes modalidades destacam mais a diferença qualitativa do que quantitativa do grupo. Utilizamos aqui esta categoria em um sentido amplo considerando a iniciativa feminina inserida em várias redes de relações sociais, as quais encontram-se entrelaçadas entre si, onde a mulher pode definir-se a partir de perspectivas muito diversas como a esfera familiar e doméstica, a parentela; a esfera da amizade, da sociabilidade e da “mundanidade” e também da espiritualidade.

É fato que ao verificar em como as mulheres vivem e se movem na cidade é possível elaborar uma paisagem urbana onde o universo delas também compõe o espaço público, o que possibilita refletir em como os corpos femininos são relegados ao imaginário da domesticidade. Domesticidade que entendemos como tudo o que é definido a partir do espaço doméstico, especialmente a casa e a família. O universo da casa é tão variado e diverso no tempo e no espaço e aqui pensamos nele como um lugar de convivência entre pessoas de um mesmo núcleo familiar que obedecem a determinados padrões de

comportamento de naturalização de diferenças nas prescrições dos papéis, na demarcação de limites e assimetrias. Entretanto, assim como não concebemos a sociabilidade apenas a partir de uma perspectiva dualista, do mesmo modo, entendemos a domesticidade de um modo mais amplo e diverso, sobretudo em um espaço de liberdade onde sujeitos sociais estabelecem as suas aspirações e resistem aos modelos unívocos e excludentes.

Aqui refletimos sobre a domesticidade, como um aspecto das relações sociais a partir de um olhar da pluralidade dos espaços especialmente o espaço citadino na produção cristã escrita do IV século d.C. visto a sua riqueza em tratados e mensagens enviadas por padres e clérigos para mulheres da alta aristocracia romana. As mensagens se enquadram em uma categoria bastante convencional sobre as expectativas sociais e cristãs: recomendações de serem discretas, sexualmente puras, vestir-se com discrição, comportarem-se de modo recatado, alimentar-se com frugalidade e, sobretudo recomendações para serem modestas. Ora, sabemos que a modéstia apesar de ser uma convenção, foi também um modo performático e criativo de ser e estar no mundo Wilkinson (2015), inclusive para as mulheres romanas cristãs que adotaram o ascetismo.

1. Os discursos e recursos biográficos – Do masculino para o feminino –

Procuramos analisar alguns discursos sobre mulheres romanas, oriundas da elite e que se converteram para o cristianismo. Justificamos nossa escolha justamente porque sabemos que nos primeiros três séculos as comunidades cristãs se constituíram quase que praticamente em um fenômeno urbano e com a expansão da fé no Cristo o próprio espaço citadino passou a receber intervenções monumentais. Em um primeiro momento as construções se limitaram a periferia da cidade, os túmulos dos mártires, depois grandes sarcófagos monumentais e igrejas aumentaram a paisagem para fora dos muros expandindo os limites suburbanos. A urbanidade é um fenômeno fundamental para a expansão do cristianismo, basta verificar que grande parte de clérigos e pessoas que atuavam na igreja provém de categorias de atuação própria na cidade (TESTA, 2009, p.6).

O espaço citadino é produtor de significados da vida social, mais do que um espaço habitável é uma dimensão da vida. A representação da cidade ou de aspectos do viver e do espaço urbano cria um imaginário como ambiente de realização da vida, lugar de estabilidade e de abundância, onde se realiza cultos, festas, peregrinações das divindades que ali residem, a cidade como lugar onde a vida emerge, mas que pode também sediar a desolação, a confusão e o pecado. Dos aspectos que caracterizam a vida na cidade queremos destacar aqui aqueles que predominaram nos discursos de alguns autores cristãos do IV século. Há estudiosos que afirmam ser o século de “ouro” do pensamento cristão, especialmente porque a produção literária latina é marcada por grande quantidade de obras com riqueza cultural e elegância na forma, também deixando ver uma fase marcada pela pluralidade

cultural evidente nas formas clássicas e na produção temática cristã que tratam de problemas éticos e religiosos relativos ao ser humano. Neste período temos informações de muitas mulheres de famílias ricas, da nobreza e da casa imperial que se converteram e asseguraram donativos substanciais para a construção de espaços específicos para a religião com construções monumentais. Assim autores como Ambrósio, Agostinho, Jerônimo, Paulino de Nola, Gregório de Nissa, Gregório de Nazianzo, escreveram suas teorias doutrinárias e teológicas envolvendo mulheres com exemplos idealizados a partir de figuras que eles conheciam e possuíam vínculos seja de parentela ou de amizade.

Um aspecto importante que não pode ser negligenciado é o fato de que mesmo sendo obras de argumentos de cunho religioso, elas são compostas por meio de técnicas e moldes da produção textual clássica seja no aspecto teórico, seja no uso do método e da técnica de redação literária. A documentação analisada tem reflexos significativos de argumentos retóricos que usa fartamente o *exemplum* que nada mais é do que mostrar a excepcionalidade de um indivíduo por meio de suas virtudes as quais são espelhadas em arquétipos como o Cristo e Maria. Mas os autores ao criar seja seus tratados, suas cartas ou mesmo as biografias femininas utilizam fartamente diferentes modelos de personagens da bíblia, e também usam de exemplos de mulheres que não são exclusivamente do âmbito religioso como figuras femininas dos mitos como Dido, mulheres da história romana como Lucrecia, a mulher de Asdrúbal, ou mesmo matronas romanas, contemporâneas ao período de composição. Personagens que demonstram seguir rigorosamente a ética do *mos maiorum*, portanto fazem parte de uma categoria convencional das expectativas de virtudes romanas para as mulheres das classes sociais altas. Há exortações para a pureza sexual, discrição, cobrir o corpo, domesticidade, gentileza, afastamento, frugalidade, o pudor, a moralidade, a reserva de tratar de questões pessoais privadamente, enfim no conjunto e em palavras latinas *pudicitia*. O conjunto de virtudes é único para os diferentes tipos femininos encontrados na sociedade. É interessante verificar nas narrativas que as mulheres são divididas em categorias relacionadas a condição conjugal, ou seja, as virgens, as casadas e as viúvas. Entretanto, na composição textual esses três tipos se relacionam entre si e independente do seu papel social todas elas devem responder a um padrão ideal modelado pelos valores capazes de proporcionar para a figura feminina um modelo de vida cristã santificada.

O problema de compor literariamente uma figura feminina santa impõe rapidamente no embate contra os gêneros literários tradicionais. Um exemplo perceptível pode ser verificado na narrativa, não é incomum o uso de metáforas para referir-se às mulheres como categorias profissionais masculinas e oriundas de ambiente urbano: a *militia Christi* e a *mulier virilis*. Trata-se de recursos persuasivos que no contexto da composição leva a compreensão de que a condição necessária para superar a fraqueza da natureza humana é preciso abandonar a feminilidade e a adquirir uma mentalidade masculina.

A mulher forte como homem pode ser encontrada em Paulino de Nola: “Melânia teve que suportar muitas lutas também contra o dragão invejoso desde as primeiras experiências de sua milícia cristã” (*Le lettere*, 29, 10). O mesmo recurso é usado por Gregório de Nissa ao referir-se à sua irmã Macrina: “A virgem resistiu, à maneira de um atleta invicto, sem nunca vacilar sob os golpes da sorte adversa” (*Vita di Santa Macrina*, 14). Nesses dois casos podemos verificar que elas são representadas com características da força masculina, portanto, superaram a própria natureza feminina, justamente porque tiveram a coragem de abandonar a sua posição social, bem como, a riqueza, demonstrando que por meio da virilidade religiosa a mulher pode atingir a virilidade cristã daí *mulier virilis*.

As metáforas *militia Christi* e *athleta Christi*, duas categorias relacionadas ao mundo urbano, são figuras de linguagem que muito compõem na literatura dedicada a vida dos mártires, cada qual tem o seu combate específico: a atleta deve lutar sempre contra o diabo e ele deve ser derrotado como um combatente da arena. Já o *miles* deve lutar contra os prazeres da carne, contra a fraqueza da natureza humana, contra as heresias, contra tudo que se opõe ao triunfo do espírito ou da igreja (GIANNARELLI, 1980). Não por acaso que Jerônimo usa também o termo *bellatrix Christi* para fazer referências à mulheres de vida rica e confortável que se converteram e renunciaram a sua riqueza. Refletindo então considerando os recursos estilísticos e discursivos relacionados ao mundo masculino, podemos entender que o discurso pode estar direcionado para os homens, indicando que não são as mulheres as forças motrizes da alteração de gênero. Mas é a adesão à nova religião que provoca a inserção no mundo do soldado, da guerra, dos jogos e dos circos. É possível então verificar uma maneira de como por meio da manipulação dos papéis de gênero é a própria religião a se destacar como um espaço privilegiado, um lugar-chave dentro de qualquer cultura particular, que também pode agir em prol da definição de papéis de gênero, para debate sobre normas determinadas (BEARD, 1995: 169). Assim é possível pensar que esta religião pode inclusive ser um local onde a mulher se define, e a sua maneira cria o seu próprio espaço de atuação.

Outra questão importante que precisa de esclarecimento é sobre a composição literária voltada para a elaboração de modelos femininos cristãos que usa os artifícios literários comuns tradicionais e não cristãos. É sempre útil lembrar que os escritores cristãos têm influência predominante do *modus operandi* da escrita, inclusive o próprio conceito do que é um gênero literário, com todas as implicações que esta escolha comporta. No IV século não há recusa de argumentos e técnicas pagãs nas composições. Os argumentos tópicos são utilizados e cristianizados com um significado novo, há uma nova semantização que responde ao plano da idealização literária. A partir da segunda metade do século IV d.C. verificamos uma fase muito produtiva da produção literária latina, seja pela qualidade das obras, seja pela riqueza cultural seja pela elegância da forma, ademais é possível verificar um processo de mediação entre a cultura clássica e a própria formação do que podemos

chamar de “cultura cristã” que trouxeram para a análise problemas éticos e religiosos. O mundo latino, continuou a manter o seu débito com a cultura grega, pelo menos no âmbito da teologia e da exegese bíblica. Basta verificarmos as inúmeras traduções, mas também obras em latim que contemplam política eclesiástica, catequética e análise doutrinal. Além disso, a cultura latina foi vivificada por numerosos intelectuais que passaram a ocupar a função de divulgação transmitindo aos fieis as elaborações dos grandes pensadores que naquela época escreviam orientando nas difíceis controvérsias entre ortodoxia e heresia.

Na tradição literária romana encontramos os *virii illustres*, o relato da vida de homens ilustres que foram biografados por seus méritos políticos e civis. Assim temos na fase republicana Varrão e Cornélio Nepote, no período imperial Tácito (Vida de Agrícola), Suetônio (Vida dos dozes Césares) e o grego Plutarco (Vidas Paralelas), biografias de grande qualidade literária. Com a difusão do Cristianismo a biografia como gênero literário recebeu um impulso dessa tradição anterior, e em sua fase apologética passou a criar narrativas de cunho biográfico da vida de santos, mártires. Entretanto é preciso salientar que no caso das narrativas envolvendo mulheres algumas mudanças podem ser verificadas.

Sabemos que no mundo antigo pouco ou quase nada se escreve sobre mulheres, os gêneros de composição consagrados no IV século não contemplam diretamente esta temática. Quando os primeiros autores colocaram uma figura feminina como personagem principal foi necessário recorrer às técnicas tradicionais nas composições literárias cristãs.

As figuras de palavras que dão ênfase ao aspecto semântico da linguagem e caracterizam-se principalmente pela substituição, comparação e associação de palavras, enfatizando o seu sentido figurado como a alegoria e a metáfora passaram a fazer parte recorrente na composição. Assim para elaborar modelos de santidade para as mulheres, os autores precisaram concorrer com as figuras masculinas santas, os modelos básicos, naquela época eram o bispo, os mártires e o asceta. Giannarelli (1980) demonstra como foi possível inserir o elemento feminino na composição textual seguindo os recursos expressivos do gênero biografia em uso que seguia a regra masculina. Dois exemplos mais comuns é o recurso da metáfora feminina da *militia Christi*, e a figura do *miles Christi* dois termos capazes de proporcionar a unificação das três figuras masculinas mais comuns. Assim são construídas imagens de mulheres com um olhar para o incomum, muitas vezes relacionadas às atividades viris: “Mas que mulher, se pode-se verdadeiramente chamar mulher uma cristã assim viril!” (*Epistola* 29, 6), neste passo Paulino de Nola em seu rigor filosófico parece colocar no plano da virtude cristã que Melânia equilibra-se com o masculino na dimensão humana. Assim ela pode receber os louvores seja em termos de composição biográfica, seja como mulher forte porque ela é efetivamente viril, assim a protagonista é introduzida na categoria *mulier virilis*. Gregório de Nissa também usa o recurso da fragilidade humana “Diante das dores que se manifestavam, ela não deu nenhum sinal de fraqueza” (*Vita*

di Santa Macrina, 1,17). Ambas podem ser consideradas fortes e excepcionais graças à adesão à fé cristã.

A questão é que as mulheres foram parte de um sistema complexo de ideologias de gênero, em que os próprios escritores eram parte. A rejeição desse pressuposto faz com que pesquisas atuais continuem a cair nas armadilhas de análises ambíguas de qualquer exercício histórico que tenta ‘recuperar’ modelos legitimadores dos primeiros tempos de uma instituição ainda existente. É necessário estar atento ao discurso, ou as maneiras pelas quais a cultura discute e simultaneamente cria e circunscreve determinadas realidades. Dito isso estamos de acordo com Wilkinson (2015) que mostra que não obstante as construções retóricas dos autores de modo elaborar uma apresentação impecável e idealizada, o texto é um produto de uma realidade específica e funciona em realidades determinadas.

2. As cartas informam sobre a vida na urbs.

A carta, o tratado exortativo não faz uma descrição efetiva da realidade da mulher, ela é uma construção artificial onde é possível encontrar referências as atividades reais e aos objetos a medida que o próprio texto é parte do mundo dela. Assim é preciso encontrar nas construções retóricas contradições e pistas capazes de evidenciar que as mulheres fizeram as suas próprias escolhas. Então vamos analisar algumas cartas, muitas delas são elaboradas no contexto urbano, mais especificamente no aspecto da opinião pública, conselhos exortações e louvores convencionais para um círculo de mulheres não convencionais. O autor emblemático cujo conjunto de cartas reunidas em seu *Epistolário* traz exemplos abundantes é Jerônimo que usaremos aqui, o que não exclui outros autores contemporâneos a ele. Ele cria uma Roma muito vivaz especialmente no âmbito dos prazeres e da difamação, no ano de 395 escreve para a viúva Fúria, descendente do famoso Fúrio Camilo, o ditador romano do séc. IV a.C. aconselhando-a a direcionar a sua vida conforme os preceitos cristãos voltados para as viúvas:

“Deve-se fugir das reuniões dos jovens. Que o teto de sua casa não veja o belos penteados, os arrumados e os lascivos. Que o cantor seja expulso por nocivos; as citaristas e cantores, e a todo o coro do diabo expulse-os de sua casa como o canto mortífero das sereias. Não passes em público, nem precedida por um exército de eunucos, te faças levar na liteira daqui para ali com a liberdade própria das viúvas. É um péssimo costume que o sexo frágil e a idade imatura abuse do seu capricho e imagine que é lícito tudo o que gosta” (*Epistola* 54,13).

Roma, além de suas festas e locais de diversão, segundo nosso interlocutor abundava em falatórios e maledicências, ele mesmo foi vítima de difamação:

“Difícil é uma população maledicente, em uma cidade em que em outro tempo confluíam habitantes do mundo inteiro, e onde a palma do vício consistia em caluniar os honestos e manchar tudo o que é puro e limpo, é difícil não atrair para si alguma calúnia da parte de vozes malignas.” (*Epistola*, 127,3).

Essas palavras ilustram vivamente a Roma em que vivera Marcela uma das viúvas mais proeminentes dessa cidade do IV século, cuja memória fora registrada por meio desse incansável pensador cristão. Recebemos a informação sobre a cidade como um local onde a maledicência veicula críticas e calúnias, especialmente para uma mulher. O argumento é elaborado por meio de oposições entre o comportamento moral inaceitável de mulheres não cristãs e a atitude ideal de uma figura cristã exemplar que posteriormente será santificada. A destinatária do elogio é exaltada por meio da comparação com o modo típico de vida das matronas romanas, ilustres personagens de alto extrato social. A figura dessa viúva é utilizada como recurso estilístico para compor a definição das viúvas não cristãs que tem o hábito de maquiarse, pintar o rosto de vermelho, ou mesmo de pálido, usar vestidos de seda, adornar-se com pedras preciosas e colares de ouro, perfuram as orelhas para usar as pérolas mais preciosas do mar vermelho.

O tema da vestimenta e da maquiagem não é novo no mundo romano Juvenal, Plutarco discorreram sobre ele, no caso dos testemunhos cristãos, Jerônimo recorreu a Tertuliano que se ocupou da temática, contudo ele acrescenta a esta fórmula o deslumbramento com a púrpura acrescida pela alegria de encontrar-se livre a sujeição aos maridos, ou também aquelas que se casam outra vez fazem-no com um homem pobre a quem não obedeciam e sim eles eram submissos a elas. Ora, as roupas identificam as pessoas por meio da vestimenta é possível verificar visualmente o *status* e o nível social. As matronas, e as mulheres ilustres deveriam seguir um modo de vestir adequado e capaz de criar um efeito visual de uma “romanidade”, combinando diversos elementos criando um imaginário com mensagens subliminares fazendo da nobre dama uma espécie de ícone maior para as outras mulheres. Além das qualidades próprias do caráter e da formação social e cultural ela recebe o complemento dos vestidos e hábitos próprios para a sua posição de riqueza e poder.

Assim a figura matronal é utilizada para referenciar as qualidades positivas, mas também as negativas. Então quando a mulher adere a fé cristã ela recusa o modelo exterior das roupas e joias, mas mantém a integridade interior matronal tradicional. A mulher que não é vaidosa, refuta o uso de roupas e joias adequadas para a sua posição social, faz jejus frequentes, etc. coloca-nos em um ambiente em que é possível optar por um tipo de vida e criar uma fama graças as suas atitudes piedosas.

Wilkinson (2015) demonstra que roupa é uma opção de expressão ou de dissidência de um modelo, o luxo do vestuário, das maquiagens, das joias, as mulheres usavam por diferentes motivos, e por outro lado aquelas que não usavam também por suas opções. O fato é que, segundo esta autora, os discursos normativos não impediram, de uma maneira ou outra, as mulheres criarem seus próprios “eus” que representavam instâncias morais particulares, ligações religiosas, status social, e reputação familiar. Isso pode indicar que no período que estamos tratando, nas cidades romanas atribuiu-se um grande valor para a mensagem das vestimentas, dos adereços, das maquiagens relacionadas ao lugar social. Entretanto é preciso lembrar que o guarda-roupa não representa apenas a riqueza, porque de qualquer maneira as mulheres objeto desses argumentos são ricas. A questão é que elas podem escolher e é justamente esta possibilidade que está unida a uma perspectiva moral. A roupa não apenas delimitou uma identificação do feminino, mas também escolher o modo e o que vestir também atou na construção da identidade de várias mulheres. Basta pensarmos que as restrições nas vestimentas e opção por um comportamento altamente controlado, implica em uma disposição interna. Externar o visual por meio do uso de determinadas roupas é um empreendimento ativo e performático que visibiliza as resistências das mulheres em relação as expectativas normativas no interior dos processos de incorporação do ideal cultural.

Continuemos então pensando nas várias viúvas dos autores acima mencionados, lembrando que são mulheres oriundas de famílias nobres, muito ricas, quase todas da classe senatorial. Assim em um discurso cuidadosamente elaborado para elas, os autores mantiveram suas características seculares mas indicam que elas causaram uma revolução no interior de sua classe social. Destaca-se que elas infringiram uma tradição aparentemente imutável, entre os argumentos elogiosos especialmente por ser a primeira do senado romana a aderir a vida religiosa.

Enfim discursivamente são criadas imagens de mulheres que se distinguem por meio de qualidades excepcionais e pela sua conduta irrepreensível. Apenas para citar um exemplo, a carta de Jerônimo endereçada para a viúva Fúria (*Epístola*, 54, 1), citada acima, faz entender que a decisão de dedicação a vida religiosa assume um significado de um gesto anticonformista colocando-a em oposição direta aos esquemas tradicionais altamente valorizados na elite senatorial romana. Um outro exemplo é o caso de Melânia, Menor, em que ela e o marido, precisam lutar contra todo o senado para que possam vender suas propriedades. A situação conflituosa é inevitável até tornar-se um tópico na firmeza com que ela deve defender a sua vocação, sem diminuir a humildade o amor ao próximo, espelhando-se em outras nobres mulheres visto que “Nenhuma outra mulher deu o que falar à cidade de Roma, mas Paula e Melânia, que depreciando suas riquezas e deixando seus filhos, levantaram a cruz do Senhor como um estandarte de piedade” (*Epístola*, 45).

Essas mulheres não se tornaram mais livres, ou melhores por serem cristãs, como querem os autores que trataram delas. É preciso lembrar que são expoentes da elite, herdeiras da dignidade de seus pais, maridos ou avós. Independente da escolha religiosa elas tem e mantêm a sua posição de maior liberdade, para estudar, viajar a pretexto de peregrinação religiosa. Mas retoricamente deixar a cidade e ter a mobilidade de viajar insere a personagem em uma perspectiva de que a adesão ao cristianismo pode também conotar como uma “aventura”: uma solução alternativa em relação a esquematização pré-estabelecida de uma vida que culturalmente deve ser vivida em um círculo restrito. Paula renuncia ao mundo deixando as suas obrigações da casa de uma família nobilíssima, as inúmeras visitas e “inflamada pela sua virtude, as vezes pensava em abandonar a pátria. Esquece da casa, dos filhos, dos criados, das propriedades, de qualquer outra coisa do mundo, ansiava por estar só.” (*Epitaphium Sanctae Paulae*, 6,1). Marcela por sua vez “raramente aparecia em público e, sobretudo, evitava as visitas nas casas das matronas para não ver-se forçada a presenciar o que ela havia depreciado (*Epistola* 127, 4,1). A ruptura com o modo de viver anterior ao da escolha da vida ascética, é sempre sublinhada pelos autores como uma comparação de uma escolha da protagonista o que não envolve somente as relações sociais, mas também os elos familiares.

Considerações finais

A domesticidade da mulher foi um ideal muito propalado no mundo antigo, ao lado de outras qualidades como a castidade, a modéstia e a piedade, todas elas cruciais para a imagem pública da família. A dúvida, ou a calúnia direcionada para uma mulher atingia em cheio a família, uma pequena análise na historiografia, romana, na retórica forense e na sátira evidencia que o mundo doméstico legitimava, de certa maneira, o espaço público destinado para determinados grupos sociais. Assim, uma pequena análise das inscrições tumulares, dos retratos e das representações artísticas em monumentos funerários indicam como as famílias fizeram publicidade das virtudes domésticas da mulher. A reputação da pessoa não era individual, mas atingia toda a família no passado e no presente. Os estudos sobre mulheres demonstram que a relação público e privado precisam de redimensionamento, especialmente pensando o mundo doméstico como intimamente ligado ao público, basta verificarmos o quanto a reputação das mulheres abastadas romanas, e por extensão de toda a sua família dependeu da percepção da sua domesticidade, as mulheres cristãs, viúvas, virgens ou casadas são representadas de modo a fazer entender a manutenção da reputação de uma casa aristocrática e a reputação superlativa para a publicização da família pia. Algumas mulheres que encontramos registradas nos escritos dos Pais da Igreja demonstram que elas tiveram a oportunidade de enfatizar a domesticidade reinterpretar normas, e negociar fronteiras entre a casa e o espaço privado das classes altas. Mas se

os textos resultam de convenções e respondem a modelos idealizados e representações é necessário conceber que as representações não são apenas reflexos ou ilustrações das normas de gênero, mas são parte dos meios por meio dos quais o gênero é criado. O tema gênero e as criações materiais e literárias de sua cultura se desenvolvem mutuamente, uma vez que um é produto do outro. Homens e mulheres representam a si mesmos interagindo com a tradição, mas podem viver suas próprias vidas em relação aos seus ideais. Assim é necessário pensar muito além das dicotomias e dos modelos que separam o público e o privado, o político e o doméstico os quais constituem diferentes aspectos da urbanidade. Trazer para os estudos urbanos a mulher como tema é sobretudo repensar os próprios modelos interpretativos vigentes.

Bibliografia

- BEARD, Mary (1995). Re-reading (Vestal) virginity In: HAWLEY, Richard. LEVICK, Barbara. (ed.). *Women in Antiquity*. London/ New York: Routledge, p.166-177.
- GIANNARELLI, Elena. (1992). La biografia femminile: temi e problemi, In MATTIOLI, Umberto. (a cura di) *La donna nel pensiero cristiano antico*. Genova: Marietti, p. 223-246.
- HIERONYMI (2007). *Epitaphium Sanctae Paulae*. Testo critico a cura di Jan W. Smit. Traduzione di Luca Canali. Trebaseleghe: Arnaldo Mondadori Editore, p. 146-242.
- JERONIMO (1993). *Epistolario*. Edición biligüe traducción, introducciones y notas por Juan Bautista Valero. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos – BAC- Vol. I e Vol. II.
- JORDI, Canal. “Maurice Agulhon e a categoria sociabilidade” In: *Ler História* [Online], 68, posto online no dia 18 de Março de 2016, consultado em 17 de setembro de 2017. URL: <http://lerhistoria.revues.org/1780>
- PALLADIO (1974). *La storia lausiaca*. Testo critico e commento a cura di G.J.M. Bartelink, Milano: Paoline Editoriale Libri.
- PAULINO DE NOLA (1992). *Le Lettere*. Testo latino con introduzione e traduzione italiana, note e indici a cura di Giovanni Santaniello. Apoli-Roma: Libreria Editrice Redenzione.
- RINALDI, Giancarlo (1995). Donne “autonome e innovative”. Le donne cristiane viste dai pagani In VALERIO, Adriana (ed.) *Donna, potere e profezia*, Napoli: Edizioni D’Auria, p.97-119.
- SANCHEZ, Marcos (1986). La vision de la mujer en San Jeronimo atraves de su correspondencia In: *La mujer en el mundo antiguo*. Actas de las V Jornadas de investigacion interdisciplinaria. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, p.315-321.
- TESTA, Rita Lizzi (2009). Educazione, cultura e cristianesimo In: PROIETTI, Luisa. *Il mestiere dello storico tra ricerca e impegno civile*. Studi in memoria di Maria Cristina Giuntella. Roma: Aracne editrice, p. 3-34.
- SANTOS, Marinês Ribeiro dos (2011). Domesticidade e identidades de gênero na revista Casa & Jardim (ano 1950 e 60) In: *Cadernos Pagu*, n. 36, Jan./Jun.. Campinas, p. 257-282. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000100010>
- WILKINSON, Kate (2015). *Women and Modesty in Late Antiquity*. United Kingdom: Cambridge University Press.